



# L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS

*Unicuique suum Non praevalerunt*

Ano XLVIII, número 28 (2.473)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 13 de julho de 2017

Francisco recordou ao G20 de Hamburgo a trágica situação de trinta milhões de africanos

## Prioridade absoluta aos pobres e aos refugiados



Migrantes assistidos pela Guarda costeira espanhola no Mediterrâneo (Ap)

São «os pobres, os refugiados, os sofredores, os desabrigados e os excluídos, sem distinção de nação, raça, religião e cultura» a «prioridade absoluta» indicada pelo Papa Francisco aos chefes de Estado e de governo que participam no g20 de Hamburgo, inaugurado na sexta-feira, 7 de julho.

Numa mensagem dirigida à chanceler alemã Angela Merkel, o Pontífice depois de ter expresso «apreço pelos esforços feitos para garantir a governabilidade e a estabilidade da

economia mundial, com atenção particular para os mercados financeiros, o comércio, os problemas fiscais e, mais em geral, para um crescimento económico mundial inclusivo e sustentável» evidenciou ao mesmo tempo que tais esforços, contudo, são «inseparáveis da atenção dirigida aos conflitos em curso e ao problema mundial das migrações». E a este propósito lançou um «apelo urgente pela trágica situação do Sudão do Sul, da bacia do Lago Chade, do Corno da África e do Iémem, onde 30 milhões de pessoas não têm alimento nem água para sobreviver».

O Papa repropôs os «quatro princípios de ação para a construção de sociedades fraternas, justas e pacíficas» contidos no documento programático do pontificado *Evangelii gaudium*: o tempo é superior ao espaço; a unidade prevalece sobre o conflito; a realidade é mais importante do que a ideia; e o todo é superior às partes. Refletindo em particular sobre o primeiro ponto, denunciou que «o drama das migrações» é «inseparável da pobreza e exacerbado pelas guerras». Eis o convite às consciências dos poderosos e dos governantes «a impedir a atual corrida aos armamentos e a renunciar a participar nos conflitos».

Na festa de São Bento

### O património ideal da Europa

«A Europa tem um património ideal e espiritual único no mundo que merece ser reproposto com paixão e renovado vigor», foi o auspício expresso pelo Papa Francisco no tweet lançado pelo account @Pontifex, na terça-feira 11 de julho, dia em que a Igreja celebra a festa de São Bento abade, padroeiro do velho continente.

PÁGINAS 6 E 7

Ao congresso de Scholas occurrentes

### Coragem do encontro



Num mundo que «teme o que é diverso» e «que às vezes constrói muros que acabam por transformar em realidade o pior pesadelo, o de viver como inimigos», há muita «necessidade de sair para se encontrar!». Foram os bons votos expressos pelo Papa na mensagem vídeo com a qual interveio na quarta-feira 5 de julho, no encerramento do congresso de Scholas occurrentes, que teve lugar em Jerusalém.

Na universidade judaica da Cidade Santa reuniram-se, por quatro dias, académicos e estudantes do mundo inteiro para refletir sobre o tema «Entre a universidade e a escola, construir a paz através da cultura do encontro».

PÁGINA 5

De menina de rua a empresária

O sonho e os anjos de Aldemilda

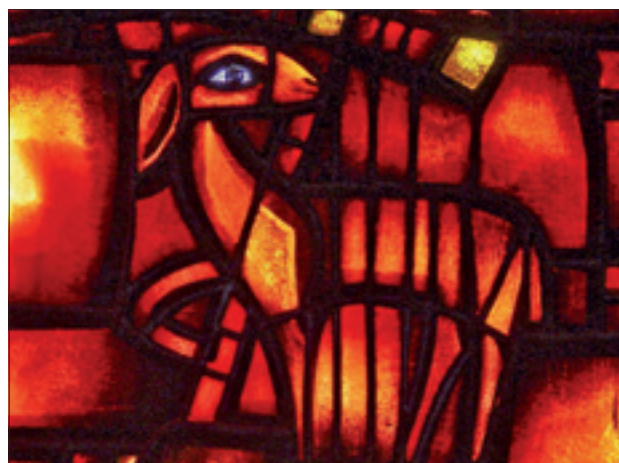
Acerca do protocolo de Groningen

Eutanásia de crianças

PÁGINA 4

LUCETTA SCARAFFIA NA PÁGINA 8

### Sobre o pão e o vinho para a Eucaristia



Éric de Saussure, «Cordeiro pascal» (Taizé, Igreja da Reconciliação, vitral)

PÁGINA 9

Missa do Papa no centro industrial da Cidade do Vaticano

## Jesus sabe o que significa o trabalho

*Publicamos a homilia pronunciada pelo Papa Francisco na manhã de sexta-feira, 7 de julho, durante a missa celebrada para os operários do centro industrial da Cidade do Vaticano.*

Antes de tudo gostaria de agradecer o convite a celebrar esta missa conosco, trabalhadores. Jesus vem, ele sabe o que significa o trabalho, compreende bem. Compreende muito bem. Desejo também fazer uma oração pelo nosso querido Sandro [Mariotti]. Ontem o pai faleceu. Ele trabalhava aqui, no Vaticano. Foi-se como os justos... estava com os amigos na praia e... Rezemos pelo pai de Sandro e por Sandro.

Agora gostaria de vos dizer algo sobre o Evangelho. Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado entre os cobradores de impostos. Era um publicano. Estas pessoas eram consideradas as piores, porque eram... faziam pagar as taxas e enviavam o dinheiro aos romanos. E uma parte delas colocavam-na no

próprio bolso. Davam-na aos romanos: vendiam a liberdade da pátria, por esta razão eram odiados. Eram traidores da pátria. Jesus chamou-o. Viu-o e chamou-o. Segue-me. Jesus escolheu um apóstolo... entre aquelas pessoas, o pior. Depois, este Mateus, convidado para o almoço, era jubiloso.

Anteriormente, quando eu morava na "via della Scrofa", gostava de ir, agora não posso, a São Luís dos Franceses para ver Caravaggio, *A conversão de Mateus*. Ele apegado ao dinheiro assim [faz o gesto] e Jesus que com o dedo o indica [...]. Ele agarrado ao dinheiro. E Jesus escolhe-o. Convida para almoçar toda a sua cambada, traidores da pátria, publicanos. Vendo tudo isto, os fariseus que se achavam justos, julgavam todos e diziam: «Mas por qual motivo o vosso mestre tem essa companhia?». Jesus diz: «Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores».



Isto consola-me muito, porque penso que Jesus veio para mim. Porque todos somos pecadores. Todos. Todos temos esta licenciatura. Somos cursados. Cada um de nós sabe onde o seu pecado é mais forte, conhece a sua debilidade. Antes de tudo devemos reconhecer isto: nenhum de nós, entre todos nós que estamos aqui, pode dizer: «Eu não sou pecador». Os fariseus afirmavam isto. E Jesus condena-os. Eram soberbos, vaidosos, achavam-se superiores aos outros. Ao contrário, to-

dos somos pecadores. É o nosso título e é também a possibilidade de atrair Jesus a nós. Jesus vem ter conosco, vem ter comigo, vem a mim porque sou um pecador.

Jesus veio por este motivo, para os pecadores, não para os justos. Estes não precisam. Jesus disse: «Os são não necessitam de médico, mas sim os que estão doentes, ide ouvir o que significa quero misericórdia e não sacrifício. De facto, eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores».

Quando leio isto sinto-me chamado por Jesus, e todos podemos dizer o mesmo: Jesus veio para mim. Para cada um de nós.

Esta é a nossa consolação e a nossa confiança: ele perdoa sempre, ele cura a alma sempre, sempre. «Mas sou débil, terei uma recaída...»: será Jesus quem te levantará, te curará, sempre [...] Esta é a nossa consolação, Jesus veio para mim, para [...] me dar a força, para me tornar feliz, para tranquilizar a minha consciência. Não tenhas medo. Nos momentos difíceis, quando sentimos o peso das muitas coisas que fizemos, muitos desvios da vida, muitas coisas, e sentimos o peso... Jesus ama-me porque sou assim.

Vem-me à mente um trecho da vida de um grande santo, Jerónimo, que tinha um mau carácter, e procurava ser manso, mas era de mau feitio... porque era dálmeta e os dálmetas são fortes... Tinha conseguido dominar o seu modo de ser e assim oferecia ao Senhor muitas coisas, tanto trabalho, e rezava ao Senhor: «O que queres de mim?» – «Ainda não me deste tudo» – «Mas Senhor, eu dei-te isto e mais aquilo...» – «Falta algo» – «O que falta?» – «Dá-me os teus pecados».

É bom ouvir isto: «Dá-me os teus pecados, eu curarei as tuas fragilidades, tu vai em frente».

Hoje, nesta primeira sexta-feira, pensemos no Coração de Jesus, para que nos faça compreender esta realidade bonita, com o coração misericordioso, que diz apenas: «Dá-me as tuas fragilidades, dá-me os teus pecados, perdoe tudo». Jesus perdoa tudo, perdoa sempre.

Que esta seja a nossa alegria.

## O crucifixo oferecido pelos operários

Por uma manhã o ambiente diário da oficina mecânica na área industrial da Cidade do Vaticano transformou-se numa igreja. Entre parafusos, chapas, tornos, brocas, molas e compressores, não faltaram o altar, o coro, os fiéis, os aparelhos de áudio, a música, as flores e os paramentos litúrgicos. Foi nesta oficina, adaptada como nave para a concelebração eucarística, que operários, trabalhadores, empregados e responsáveis dos serviços técnicos do Governatorato receberam o Papa na manhã de 7 de julho.

Francisco chegou de carro à oficina e saudou os numerosos operários que o aguardavam em uniforme de trabalho. Entre selfies e apertos de mão, saudou-os e depois foi ao centro do laboratório, onde tinha sido montado o altar para a missa concelebrada pelo padre Rafael García de la Serrana Villalobos, diretor dos Serviços técnicos do Governatorato, e pelo agostiniano Bruno Silvestrini, pároco de Santa Ana. Nas intenções dos fiéis rezou-se pelo Papa, pelos bispos, pelos trabalhadores, pelos desempregados e para que o ganho e o trabalho não tornem o homem escravo. Recitou-se uma prece também por todos os defuntos e por Luigi, pai do ajudante de Câmara do Pontífice, Sandro Mariotti. Francisco proferiu a homilia e disse algumas palavras também no final

da missa, durante a qual distribuiu a comunhão aos participantes. Recordou que Luigi era empregado do serviço de construção e que por vezes era enviado a fazer trabalhos até nos aposentos de João Paulo II. Uma tarde, o operário ainda trabalhava quando o Papa Wojtyła regressou e, vendo-o, perguntou-lhe por que estava ali até àquela hora. Perguntou-lhe ainda se tinha filhos e quando o operário lhe respondeu que tinha quatro, o Papa aconselhou-o a ir para casa porque, disse-lhe, àquela hora um pai deve estar com os seus filhos.

Em seguida, o padre Bruno Silvestrini saudou Francisco em nome de todos os presentes, frisando que já há oito anos, a cada primeira sexta-feira do mês, alternadamente, os pavilhões do centro industrial do Vaticano «tornam-se uma pequena grande igreja»: com efeito, os operários preparam o altar – ajudados pelas irmãs franciscanas missionárias de Maria – e adornam os locais, dispõem as flores, preparam os cantos e as orações» e participam sempre numerosos na celebração da missa.

No final, o diretor dos Serviços técnicos doou ao Papa um crucifixo, realizado para esta ocasião pelos trabalhadores de todos os setores técnicos: os carpinteiros prepararam a base, os eletricitistas o primeiro tronco, os



hidráulicos os dois braços encimados por um parafuso e os serralheiros a figura de Jesus em ferro forjado. Finalmente, os operários que compunham o coro dedicaram ao Pontífice uma canção do compositor argentino contemporâneo Fito Páez, *Yo vengo a ofrecer mi corazón* escrita em 1985. O Papa concluiu a visita – que durou quase uma hora e meia – no laboratório de carpintaria, tomando um café com os presentes. (nicola gori)

### L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS  
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano  
ed.portugues@ossrom.va  
www.ossromatoromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN  
diretor

Giuseppe Fiorentino  
vice-diretor

Redação  
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano  
telefone +390669899420  
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE  
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.  
diretor-geral

Serviço fotográfico  
telefone +390669884797  
fax +390669884998  
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 00551231042036, e-mail: ossrom@editoriasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redirezionemilano.com

No Angelus o Pontífice falou do repouso de verão

## Encontrar alívio verdadeiro no Senhor

«Quando nos meses de verão procurarmos um pouco de repouso de tudo aquilo que cansa o nosso corpo, não esqueçamos de encontrar o repouso verdadeiro no Senhor», recomendou o Papa no Angelus de 9 de julho. Comentando como de costume o Evangelho dominical, Francisco meditou sobre o convite de Jesus a não familiarizarmos com a tristeza.

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho de hoje Jesus diz: «Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei» (Mt 11, 28). O Senhor não reserva esta frase a alguns dos seus amigos, não, dirige-a a “todos” aqueles que estão cansados e oprimidos pela vida. E então quem pode sentir-se excluído deste convite? O Senhor sabe quanto a vida pode ser difícil. Sabe que muitas coisas cansam o coração: desilusões e feridas do passado, pesos a serem carregados e injustiças a suportar no presente, incertezas e preocupações para com o futuro.

Perante tudo isto, a primeira palavra de Jesus é um convite, um convite a mover-se e a reagir: «Vinde». O erro que cometemos, quando as coisas não correm bem, é permanecer ali onde estamos, deitados ali. Parece evidente, mas quanto é difícil reagir e abrir-se! Não é fácil. Nos momentos obscuros é natural querer estar sozinho consigo mesmo, remoer sobre quanto é injusta a vida, sobre quão ingratos são os outros e como é maldoso o mundo, e assim por diante. Todos sabemos isto. Por vezes, sofremos esta experiência negativa. Mas assim, fechados dentro de nós mesmos, vemos tudo escuro. Então chegamos até a familiarizarmos com a tristeza, que encontra demora em nós: aquela tristeza desmoraliza-nos, esta tristeza é algo ruim. Ao contrário, Jesus quer tirar-nos destas “areias movediças” e, portanto, diz a cada um: «Vinde!» – “Quem?” – “Tu, tu, tu...”. A via de saída encontra-se na relação, em entender a mão e em levantar o olhar para quem nos ama verdadeiramente.

Com efeito, sair de si mesmo não é suficiente, é necessário saber para onde ir. Porque muitas metas são ilusórias: prometem alívio e distraem só um pouco, garantem paz e proporcionam divertimento, deixando depois na solidão anterior, são “fogos de artifício”. Por esta razão, Jesus indica para onde ir: “Vinde a mim”. E muitas vezes, diante de um peso da vida ou de uma situação que nos faz sofrer, tentemos falar com alguém que nos escute, com um amigo, com um perito na matéria... É muito bom fazer isto, mas não esqueçamos Jesus! Não esqueçamos de nos abirmos a Ele e de lhe contar a nossa vida, de lhe confiar as pessoas e as situações. Talvez haja algumas “áreas” da nossa vida que nunca lhe abrimos e que permaneceram obscuras, porque nunca viram a luz do Senhor. Cada um de nós tem a própria história. E se alguém tiver esta zona obscura, procurei Jesus, ide ter com um sacerdote, ide... Mas ide ter



Edward Hopper, «Sunday» (1926)

com Jesus, e contai isto a Jesus. Hoje Ele diz a cada um de nós: “Coragem, não sucumbas sob os pesos da vida, não te feches diante dos medos e dos pecados, mas vem a mim!”.

Ele espera por nós, espera-nos sempre, não para resolver magicamente os nossos problemas, mas para nos tornar mais fortes em relação aos nossos problemas. Jesus não nos tira os pesos da vida, mas sim a angústia do coração; não nos suprime a cruz, mas carrega-a juntamente connosco. E com Ele, todo o peso se torna leve (cf. v. 30), porque Ele é o repouso que nós buscamos. Quando Jesus entra na vida, chega a paz, a que permanece também nas provações, nos sofrimentos. Vamos ter

com Jesus, demos-lhe o nosso tempo, encontremo-lo todos os dias na oração, num diálogo confiante, pessoal; familiarizando-nos com a sua Palavra redescubramos sem temor o seu perdão, saciemo-nos com o seu Pão de vida: sentir-nos-emos amados, sentir-nos-emos consolados por Ele.

É Ele mesmo que no-lo pede, quase com uma certa insistência. Reitera-o ainda no final do Evangelho de hoje: “Tomai o meu jugo sobre vós [...] achareis o repouso para as vossas almas” (v. 29). É deste modo, aprendamos a ir ter com Jesus e, quando nos meses de verão procurarmos um pouco de repouso de tudo aquilo que cansa o nosso corpo,

não esqueçamos de encontrar o repouso verdadeiro no Senhor. Nos ajude nisto a Virgem Maria nossa Mãe, que sempre cuida de nós quando estamos cansados e oprimidos e nos acompanha ao encontro com Jesus.

No final da prece mariana o Papa proferiu as seguintes palavras.

Caros irmãos e irmãs!

Saúdo cordialmente todos vós, romanos e peregrinos da Itália e de vários países. Sois corajosos para estar, com este sol, com este calor, na praça. Bravos!

Em particular, saúdo os fiéis polacos que vieram de bicicleta de Chełm, arquidiocese de Lublin (Polónia), recordando também a grande peregrinação que hoje a Família polaca da Rádio Maria realiza ao Santuário de Częstochowa. Acompanhem esta peregrinação do povo polaco todos juntos com uma Ave-Maria

[Ave Maria...]

Recebo com alegria as Irmãs Servas da Bem-Aventurada Virgem Imaculada e abençoo os trabalhos do seu Capítulo Geral, que inicia hoje; assim como os sacerdotes de diversos países que participam no curso para formadores de seminário organizado pelo Instituto *Sacerdos* de Roma.

Uma saudação especial aos jovens do Coro “Puzangalan” – que significa “esperança” – de Taiwan. Obrigada pelo vosso canto! E também ao Coro Alpino de Palazzolo sull’Oglio; e aos fiéis de Conversano.

Desejo a todos vós um bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

Mensagem vídeo do apostolado da oração

### Por quantos se afastam da fé

Uma mão sobre o ombro. Sinal de proximidade, de partilha, de familiaridade. É a imagem que sintetiza a mensagem vídeo do Papa Francisco com a intenção para o mês de julho difundida no site [www.popes-prayer.net](http://www.popes-prayer.net). No centro da reflexão que o Pontífice confiou à rede mundial de oração estão as «Pessoas que se afastaram da fé cristã».

O Papa deseja uma Igreja em saída, uma Igreja que sabe compreender as inquietações nos corações das pessoas e está pronta a ouvir, acompanhar e apoiar para restituir a cada um a alegria perdida, aquela alegria da qual ela conhece bem a fonte. «Nunca esqueçamos que a nossa alegria está em Jesus Cristo, que o seu amor é fiel e inesgotável», recordou o Pontífice que acrescentou: «Quando um cristão se sente triste, significa que se afastou de Jesus». Portanto – como acontece no vídeo, no qual um homem, desanimado por dúvidas e preocupações, senta-se nos degraus externos de uma igreja fechada – é preciso abrir as portas, sair e sentar-se ao lado de quem se encontra em dificuldade. «Nestes momentos – explicou Francisco falando em espanhol – não se pode deixá-lo sozinho. Devemos oferecer-lhe a esperança cristã, com a palavra, sim, mas ainda mais com o nosso testemunho, com a nossa liberdade, com a nossa alegria», concluiu o Pontífice.



Traduzido em nove línguas, o vídeo foi preparado pela agência La Machi, que se ocupa da produção e distribuição em colaboração com o Centro televisivo vaticano que o gravou.

O filme termina com a intenção confiada a todos os fiéis: «Rezemos pelos nossos irmãos que se afastaram da fé, para que, através da nossa oração e do testemunho evangélico, possam redescobrir a beleza da vida cristã».

De menina de rua no Brasil a empresária na Itália

## O sonho e os anjos de Aldemilda

Nem sempre se nasce sob uma boa estrela. Isto simplesmente não aconteceu comigo. Chamo-me Aldemilda e nasci numa família muito pobre. Eu era uma menina de rua. Sexta de oito filhos, com uma mãe alcoólatra, e o meu pai faleceu quando eu tinha apenas três anos. Eu só podia viver na rua, juntamente com os meus irmãos e irmãs, que às vezes me protegiam dos perigos sempre presentes. A rua como vida, como regra, como escola, mas também como espaço e jogo. Era esta a condição em que viviam milhões de crianças no Brasil, e somente nos últimos anos, graças às intervenções do presidente Lula, a situação melhorou um pouco. Ser pobre significa verdadeiramente ter fome. Significa estar sempre à procura de algo. Quando eu era criança precisava de tudo, do carinho do meu pai, da minha mãe, mas sobretudo de comida. Com nove anos eu pesava menos de vinte quilos. Perambulava pelas ruas da favela, pequenina em busca de alimento, sempre com a mesma t-shirt. Era curiosa e corajosa, miserável mas cheia de vontade de viver e de entender. A minha condição não era simples, mas era minha. Salvava-me a imaginação. Pensar que se está melhor pode levar a pessoa a estar melhor. E não obstante a minha pobreza, ou talvez exatamente por isso, eu gostava de me embelezar e procurava imitar de qualquer maneira as mulheres no seu modo de se maquilhar e de se vestir. Na minha cabeça de menina de rua, ser bonita significava ser feliz. Ser bonita para poder gostar de mim mesma.

Depois, da Itália chegaram alguns anjos. Fui adotada; fui levada para um lugar muito diferente e foi-me oferecido um futuro. Os meus novos pais vieram de Nápoles e levaram-me com eles. Foi um momento maravilhoso, que nunca esquecerei. Quando eu era criança sonhava muito com isto. Nas pobres ruas de uma favela às vezes as crianças só sobrevivem sonhando. Eu não tinha carências de sonhos, entre os quais era forte em mim o desejo de ver a neve, algo quase impossível no Brasil. Os anjos vieram ao meu encontro e levaram-me em voo rumo à Itália. E um pequeno sonho infantil tornou-se realidade. Quando cheguei a Roma, em dezembro, nevava. Fora do aeroporto os primeiros flocos acariciaram o meu rosto de criança: foi muito bonito, uma chegada

bém não me falta a alegria, dado que cresci entre Nápoles e Bahia.

Como acontece em todas as famílias, não faltaram problemas de incompreensão, independentemente de eu ter sido adotada: quando se é jovem, acho que é normal, e a minha história não me ajudava a entender tudo o que devia compreender, a adaptar-me a tudo o que devia adaptar-me. A minha primeira educação tinha sido a rua, e até então nunca tive pais nos quais confiar, aos quais obedecer. Não foi fácil. Se havia algo que os meus novos pais não podiam tolerar é que em Nápoles eu voltasse a frequentar exatamente aquela rua da qual me tinham tirado no Brasil. Estudei também por isso.

minha família, com uma criança pequena. Não é um trabalho leve, mas trabalhar bem e dar um sorriso às minhas clientes, para mim é quase uma missão. Hoje não é fácil para uma jovem conseguir começar um negócio, mas acho que é importante ter e alimentar um sonho. Porque com a tenacidade e o desejo de conseguir, até os sonhos podem realizar-se, inclusive para uma pobre menina de rua que queria ser bonita. E talvez hoje, graças às mudanças destes últimos anos, um anjo possa também fazer um percurso oposto ao meu e levar um jovem da Itália para o Brasil, onde finalmente começam a surgir novas oportunidades inclusive para quantos não nasceram ricos.



Uma favela brasileira

Depois do diploma em línguas, decidi fazer um curso de formação profissional trienal e graduar-me como esteticista. Eu gostava da ideia de aprender uma profissão que tivesse a ver com o calor humano, os relacionamentos entre as pessoas, e sobretudo que me permitisse dedicar-me à beleza, aos cuidados estéticos, precisamente eu que quando era menina tinha apenas uma t-shirt com a qual me cobrir, eu que nunca tive uma boneca e que em vão procurava algo com que me maquilhar e me embelezar no meio da favela. Talvez também isto não seja uma casualidade.

Comecei a trabalhar como empregada nos salões de beleza, onde pude aprender uma profissão que é procurada mas na qual não falta concorrência. Acho que neste trabalho o caráter é importante: ser escrupuloso e ao mesmo tempo atento, mas também cordial e deixar os outros à vontade. Depois de alguns anos como empregada em vários salões de beleza, transfiri-me para Parma e ali decidi que devia experimentar a aventura de me tornar empresária, de começar o meu próprio negócio e abrir uma atividade minha. Fazer mais bonitas as pessoas, para as tornar talvez um pouco mais felizes. Parece uma tolice, mas descobri que aquela estranha ideia que eu colocara na cabeça quando era criança tem realmente sentido, um sentido mais profundo do que pode parecer, e que está exatamente na base do meu trabalho: gostar do próprio aspeto é um cartão de visita, serve para agradar os outros, mas sobretudo para poder agradar a si mesmo, para se aceitar e para gostar de si próprio. Hoje isto é deveras cada vez mais necessário.

Possuo este meu negócio há vários anos, numa bela cidade do norte da Itália como Parma. Tenho uma colaboradora italiana com quem organizo a minha atividade e trabalho com hora marcada. Tenho também a

Há cinco anos revi a minha família de origem. Agora estão muito melhor. Os meus irmãos trabalham e conseguiram construir uma família. Até a minha mãe teve uma pensão social e vive numa casa, pequena mas verdadeira. Aquilo que no Brasil foi feito por Lula com os programas sociais era realmente impensável anos atrás. Acredito que o crescimento da economia brasileira se tornou possível porque foi alcançado juntamente com a melhoria das condições de vida dos pobres, da escola e das reformas sociais. Quando as empresas eram ajudadas, mas não se intervinha em prol da pobreza e da sociedade, as mudanças não chegavam.

Deveríamos entender isto também na Itália, não se melhora a economia sem intervir a favor da sociedade e sem procurar dar a cada sonho a possibilidade de se tornar uma realidade. Eu amo a minha família de origem, e graças a skype de vez em quando falo e mantenho contacto com eles. As tecnologias de hoje aproximam-nos verdadeiramente.

Não tem sentido cancelar a própria família de origem, embora eu saiba que muitas crianças adotadas preferem agir deste modo. Eu não consegui, e foi melhor assim. Trata-se das minhas raízes e do meu sangue, não posso renegá-los. Como poderia fazê-lo? Negaria uma parte de mim, talvez exatamente aquela menina que se obstinava em querer sonhar.

A vida da minha mãe foi um drama, mas sinto-me feliz por duas coisas: que agora ela pode viver uma velhice mais serena e que me ofereceu em adoção a dois anjos vindos da Itália, que me deram uma esperança de vida melhor. Vale a pena sonhar, sobretudo quando não há mais nada a fazer para poder imaginar uma vida melhor. Trata-se de um dever, quando somos crianças. Porque depois até podem chegar anjos. Nem sempre se cresce e se vive sob uma má estrela.

### Histórias exemplares

Publicamos nesta página uma das «Histórias exemplares de empresários imigrantes», contidas no último número da revista italiana de economia, cultura e pesquisa social da Associação de artesãos e pequenas empresas Mestre «Quaderni di ricerca sull'artigianato» (Il Mulino).

cheia de magia ao meu novo país. Talvez uma premonição; nós, brasileiros, acreditamos um pouco nestas coisas.

Não demorei muito a ambientar-me; a minha família napolitana deu-me afeto e amor, ofereceu-me uma casa e um futuro. Numa cidade que no fundo me recordava as melhores coisas do Brasil, como a música, a alegria das pessoas simples, o sol e o calor humano. Nápoles faz parte de mim. O otimismo do meu caráter talvez derive do meu ser brasileira, ou quiçá precisamente da minha história e da mudança que teve. E tam-

Mensagem ao congresso de Scholas occurrentes em Jerusalém

## Construir a paz

«Entre a universidade e a escola, construir a paz através da cultura do encontro» foi o tema do congresso de Scholas occurrentes realizado de 2 a 5 de julho em Jerusalém, com a participação de académicos e estudantes provenientes de 41 Ateneus do mundo inteiro. Publicamos o texto da mensagem vídeo com a qual o Papa Francisco interveio na cerimónia conclusiva, na tarde do dia 5, na sede da universidade hebraica na Cidade Santa.

Neste momento, nós jovens e adultos de Israel, da Palestina e de outras partes do mundo, de diferentes nacionalidades, credos e realidades, todos respiramos o mesmo ar, todos pisamos o mesmo solo, a nossa terra comum. As histórias são muitas, cada um tem a própria. As histórias são tantas quanto o número das pessoas, mas a vida é uma só. Portanto, desejo celebrar estes dias vividos ali em Jerusalém, porque vós mesmos, a partir das vossas diferenças, alcançastes a unidade. Ninguém vo-lo en-

sinou. Viveste-lo. Tivestes a coragem de fitar nos olhos uns dos outros, tivestes a coragem de desnudar o olhar e isto é imprescindível para que se realize o encontro. Na nudez do olhar não existem respostas, há abertura. Abertura, na sua totalidade, ao outro que não sou eu. Na nudez do olhar tornamo-nos permeáveis à vida. A vida não passa ao nosso lado. Atravessa-nos e comove-nos e esta é a paixão. A partir do momento em que nos abrimos à vida e aos outros, a quem está ao nosso lado, realiza-se o encontro, e neste encontro cria-se um sentido. Todos temos um sentido. Todos temos um sentido na vida. Ninguém de nós é um não. Todos somos um sim, por conseguinte, quando encontramos o sentido é como se a nossa alma se alargasse. E precisamos atribuir palavras a este sentido. Dar-lhe uma forma que a contenha. Expressar de qualquer maneira o que nos aconteceu, e nisto consiste a criação. Além disso, quando nos damos conta de que a vida tem sentido e que este



sentido nos transcende, sentimos a necessidade de o celebrar. Precisamos da festa, como expressão humana da celebração do sentido. Então encontramos o sentimento mais profundo que se possa experimentar. Um sentimento que existe em nós, por e não obstante tudo, por tudo e apesar de tudo. Este sentimento é a gratidão. Scholas intui que é necessário educar para isto. A educação que nos abre ao desconhecido, que nos leva a qualquer lugar onde as águas ainda não nos separaram. Livres dos preconceitos. Ou seja, livres dos juízos prévios que nos bloqueiam, para poder a partir dali sonhar e procurar novos caminhos. Portanto, nós adultos não podemos privar as nossas crianças e os jovens da capacidade de sonhar, e nem sequer de brincar, que em certo sentido é um sonhar de olhos abertos. Se não permitirmos à criança brincar é porque não sabemos brincar e se não sabemos brincar não compreendemos a gratidão, nem a gratuidade e a criatividade.

Este encontro ensinou-nos que temos a obrigação de escutar as crianças e de criar um contexto de esperança a fim de que aqueles sonhos cresçam e sejam compartilhados. Quando um sonho é partilhado torna-se a utopia de um povo, a possi-

bilidade de criar um novo modo de viver. A nossa utopia, a de todos nós que de qualquer maneira fazemos parte das Scholas, é criar com esta educação uma cultura do encontro. Podemos unir-nos nas pessoas, valorizando a diversidade de culturas para alcançar não a uniformidade, não, mas a harmonia, e quanta necessidade há disto esse mundo tão atomizado! Este mundo que teme o que é diverso, que a partir deste medo por vezes constrói muros que acabam por transformar em realidade o pior pesadelo, que consiste em viver como inimigos. Quanta necessidade tem este mundo de sair para se encontrar! Portanto, hoje desejo agradecer a vós adultos, aos académicos da Universidade hebraica e de muitas universidades do mundo inteiro, que estais aqui presentes, porque não vos fechastes e pusestes os vossos preciosos conhecimentos ao serviço da escuta. E aos jovens de Israel e da Palestina, e aos convidados de outros países do mundo, obrigado por ter tido a coragem de sonhar, de procurar sentido, de criar, de agradecer, de festejar, de pôr à disposição a mente, as mãos e o coração para tornar realidade a cultura do encontro.

Obrigado.

## Francisco inaugurou a rádio dos curas villeros

«Obrigado pelo trabalho que realizais, porque vos colocais em jogo por coisas boas, para comunicar, construir pontes e não levantar muros; obrigado porque não vos arruinais com mexericos, mas vos aproximais aos outros com as mãos estendidas». O início das transmissões da rádio «Cristo de los villeros» em Buenos Aires não podia ter um marco mais influente que a do Papa Francisco.

Com efeito, no domingo 2 de julho a nova emissora fundada pelo padre José María Di Paola foi inaugurada com uma mensagem de áudio do Sumo Pontífice, que foi transmitida aos fiéis durante a santa missa celebrada precisamente pelo padre Pepe, amigo e colaborador de Bergoglio desde os anos em que juntos atravessavam os subúrbios de Buenos Aires, para se aproximarem dos habitantes das villas miserias.

Estas pessoas ficaram no coração de Francisco, que saudou os seus compatriotas com as seguintes palavras: «Envio uma carinhosa saudação e a minha Bênção a todos aqueles que idearam, aos que trabalham e a quantos ouvem a rádio «Cristo de los villeros», a todos os meus irmãos da paróquia de São João Bosco, da villa «la Cárcova», da villa «13 de julio» e da villa «Curita», em José León Suárez».

E ao padre Pepe, aos curas villeros e aos colaboradores que os acompanham nesta nova aventura pastoral, o Santo Padre não deixou de transmitir estas palavras de encorajamento: «Continuai assim, comunicai assim! É deste modo que se constrói um país de irmãos, é assim que se edifica um mundo de irmãos». Depois de ter pedido e assegurado orações, o Papa con-

cluiu com este convite: «Ide em frente com entusiasmo!».

Durante a homilia, o padre Pepe reiterou a exortação: «Como comunidade, temos a responsabilidade de enfrentar o grande desafio de ser uma paróquia que ajuda todos a crescer. Devemos trabalhar seriamente e com paciência, conscientes de que às vezes temos problemas, dificuldades que têm a ver com a droga e com a violência: com paciência, continuemos a trabalhar e a progredir a favor da vida».

Intervenção do cardeal Cláudio Hummes em Caracas

## Amazônia bem de todos

Convidado especial à assembleia plenária da Conferência episcopal venezuelana que se realiza em Caracas, o cardeal Cláudio Hummes, presidente da Comissão episcopal para a Amazônia no Brasil, traçou uma sinopse sobre o trabalho da Rede eclesial pan-amazônica (repam), por ele guiada, acompanhado pelo secretário executivo Mauricio López. «Este encontro — disse o purpurado — tem como finalidade o intercâmbio de ideias e experiências com os bispos do país, para criar uma rede e articular as atividades das instituições existentes que atuam em defesa da Amazônia e dos povos ancestrais». Amazônia que, no sudoeste da Venezuela abrange um quinto do território nacional.

Fazem parte da Repam também Colômbia, Peru, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e Guiana francesa. O objetivo do organismo é criar consciência no continente sul-ameri-

cano da importância da floresta amazônica para a humanidade inteira e estabelecer entre as Igrejas das nações interessadas uma pastoral conjunta e um modelo que esteja a serviço dos pobres e do bem comum.

No seu pronunciamento, Cláudio Hummes recordou a importância da encíclica do Papa Francisco *Laudato si'* e quanto o Pontífice é sensível a



este tema. No dia 27 de julho de 2013, no Rio de Janeiro, durante o encontro do episcopado brasileiro, disse que a Amazônia é como um «teste decisivo, um banco de prova para a Igreja e a sociedade brasileiras».

Durante o encontro, os prelados venezuelanos ofereceram o seu contributo com uma série de pronunciamentos. O arcebispo de Maracaiibo, Ubaldo Ramón Santana Sequera, observou que «a questão amazônica não é um tema que diz respeito só aos políticos e a quantos vivem na região mas a todos os que fazem parte da Igreja». O arcebispo emérito de Coro, Roberto Lückert León, tratou um problema local: «O crescimento absurdo das minas na Venezuela matou a ecologia na região amazônica, prejudicando gravemente a vida e a natureza desse lado do país e gerando uma desordem existencial».

Um campo de deslocados na Etiópia (Afp)



Francisco recordou ao G20 de Hamburgo a trágica situação de trinta milhões de africanos

## Prioridade absoluta aos pobres e aos refugiados

*«Dar prioridade absoluta aos pobres, aos refugiados, aos sofredores, aos deslocados e aos excluídos, sem distinção de nação, raça, religião ou cultura, e rejeitar os conflitos armados», escreveu o Papa Francisco na mensagem enviada aos participantes no G20 que teve lugar em Hamburgo nos dias 7 e 8 de julho sobre o tema "Dar forma a um mundo interligado".*

mais importante que a ideia; e o todo é superior às partes. É evidente que estas linhas de ação pertencem à sabedoria multissecular de toda a humanidade e, por isso, considero que possam servir também como contribuição para a reflexão durante o encontro de Hamburgo e inclusive para avaliar os seus resultados.

O tempo é superior ao espaço. A gravidade, a complexidade e a interconexão das problemáticas mundiais são tais que não existem soluções inelutadas e totalmente satisfatórias. É de lamentar que o drama das migrações, inseparável da pobreza e exacerbado pelas guerras, disto constituía uma prova. Ao contrário, é possível pôr em ação processos que sejam capazes de oferecer soluções progressivas e não traumáticas e, em tempos relativamente breves, orientar para uma livre circulação e para a estabilidade das pessoas, que sejam vantajosas para todos. No entanto, esta tensão entre espaço e tempo, entre limite e plenitude, exige um movimento exatamente oposto na consciência dos governantes e dos poderosos. Uma solução eficaz, necessariamente prolongada no tempo, só será possível se o objetivo final do processo estiver claramente presente no seu projeto. Nos corações e nas mentes dos governantes e em cada uma das fases de atuação das medidas políticas, é necessário dar prioridade absoluta aos pobres, aos refugiados, aos sofredores, aos deslocados e aos excluídos, sem distinção de nação, raça, religião ou cultura, e rejeitar os conflitos armados.

Nesta altura, não posso deixar de dirigir aos Chefes de Estado e de Govern-

no do G20 e a toda a comunidade mundial um urgente apelo a favor da trágica situação do Sudão do Sul, da bacia do lago Chade, do Corno da África e do Iémen, onde vivem 30 milhões de pessoas sem comida nem água para sobreviver. O esforço para enfrentar urgentemente estas situações e oferecer um apoio imediato àquelas populações será um sinal da seriedade e sinceridade do compromisso a médio prazo para reformar a economia mundial e uma garantia do seu desenvolvimento eficaz.



*Os migrantes são nossos irmãos e irmãs que buscam uma vida melhor longe da pobreza, da fome e da guerra*  
(@Pontifex\_pt)

A unidade prevalece sobre o conflito. Também hoje a história da humanidade nos apresenta um vasto panorama de conflitos atuais ou potenciais. No entanto, a guerra nunca é uma solução. Na proximidade do centenário da Carta de Bento XV *Aos Chefes dos Povos Beligerantes*, sinto-me obrigado a pedir ao mundo que ponha fim a todos estes *massacres inúteis*. A finalidade do G20 e de outros encontros anuais semelhantes é resolver em paz as diferenças económicas e encontrar regras financeiras e

comerciais comuns que permitam o desenvolvimento integral de todos, para cumprir a Agenda 2030 e alcançar os Objetivos de desenvolvimento sustentável (cf. Comunicado do G20 de Hangzhou). Todavia, isto não será possível se todas as partes não se comprometerem a reduzir substancialmente os níveis de conflitualidade, a impedir a atual corrida aos armamentos e a renunciar a participar direta ou indiretamente nos conflitos, mas também se não aceitarem debater de modo sincero e transparente todas as divergências. É uma trágica contradição e incoerência a aparente unidade em fóruns comuns com finalidade económica ou social, e a desejada ou aceite persistência de confrontos bélicos.

A realidade é mais importante que a ideia. As trágicas ideologias da primeira metade do século XX foram substituídas pelas novas ideologias da autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira (cf. EG, n. 56). Elas deixam um doloroso sulco de exclusão e de descartar, mas também de morte. Ao contrário, nos sucessos políticos e económicos, que também não faltaram no século passado, existe sempre um pragmatismo sadio e prudente, guiado pelo primado do ser humano e pela busca de integrar e coordenar realidades diferentes e às vezes opostas, a partir do respeito por cada cidadão. Neste sentido, rezo a Deus a fim de que o Encontro de Hamburgo seja iluminado pelo exemplo de líderes euro-

peus e mundiais que privilegiaram sempre o diálogo e a busca de soluções comuns: Schuman, De Gasperi, Adenauer, Monnet e muitos outros.

O todo é superior às partes. Os problemas devem ser resolvidos concretamente e prestando a devida atenção às suas peculiaridades, mas para ser duráveis, as soluções não podem deixar de ter uma visão mais ampla e devem considerar as repercussões sobre todos os países e sobre os seus cidadãos, respeitando também os seus pareceres e as suas opiniões. Gostaria de reiterar a advertência que Bento XVI dirigiu ao G20 de Londres em 2009. Não obstante seja razoável que os Encontros do G20 se limitem ao reduzido número de países

que representam 90 por cento da produção mundial de bens e de serviços, esta mesma situação deve levar os participantes a uma profunda reflexão. Aqueles – Estados e pessoas – cuja voz tem menos força no cenário político mundial são precisamente os que mais sofrem os efeitos perniciosos das crises económicas, pelas quais têm muito pouco ou nenhuma responsabilidade. Ao mesmo tempo, esta grande maioria que em termos económicos representa somente 10 por cento do total, é aquela porção da humanidade que teria a maior potencialidade de contribuir para o progresso de todos. Portanto, é preciso referir-se sempre às Nações Unidas, aos programas e às agências associadas e às organizações regionais, respeitar e honrar os tratados internacionais e continuar a promover o multilateralismo, a fim de que as soluções sejam verdadeiramente universais e duradouras, para o benefício de todos (cf. Bento XVI, *Carta ao Deputado Gordon Brown*, 30 de março de 2009).

Fiz questão de oferecer estas considerações como contribuição para os trabalhos do G20, confiante no espírito de solidariedade responsável que anima todos os participantes. Por isso, invoco a Bênção de Deus sobre o encontro de Hamburgo e sobre todos os esforços da comunidade internacional para dar início a uma nova era de desenvolvimento inovadora, interligada, sustentável, respeitosa do meio ambiente e inclusiva de todos os povos e de todas as pessoas (cf. Comunicado do G20 de Hangzhou).

Excelência, queira aceitar as minhas expressões de elevada consideração e estima.

Vaticano, 29 de junho de 2017

FRANCISCO

## Perante as migrações A inconsistência da Europa

GIUSEPPE FIORENTINO

Foi muito pouco o resultado da cimeira a três realizada em Paris entre a França, a Itália e a Alemanha se depois tudo se resolve na definição de um código para regular as atividades das ongs que atuam no Mediterrâneo. De facto, os outros dois pontos específicos na análise dos ministros do interior reunidos na capital francesa – a abertura de portos alternativos aos italianos para o desembarque dos migrantes e o alojamento dos refugiados nos países da União Europeia – parecem destinados a não encontrar aplicação concreta.

Poucas horas depois da conclusão da cimeira parisiense, verificaram-se as tomadas de posição da França e da Espanha que declararam claramente a indisponibilidade dos portos de Marselha e Barcelona para o ataque dos navios de socorro. Depois, foi a vez da Áustria, que anunciou a colocação do exército no Brennero se o fluxo de migrantes da Itália não diminuir.

Precisamente a França e a Espanha só há poucos dias expressaram solidariedade à Itália, que enfrenta uma crise sem precedentes. E há algumas semanas o presidente Macron, tomando posse nos Campos Elísios, falou sobre a necessidade de uma retomada da União Europeia. Uma União Europeia que, diga-se de passagem, está a dar de veras uma péssima imagem de si: na manhã de 4 de julho, só uns trinta parlamentares estavam presentes em Estrasburgo para participar na sessão plenária dedicada à crise migratória e na conclusão da presidência maltesa do Conselho Europeu. Um panorama que, sem hesitação, pode ser descrito como desolador, dado que o presiden-

te da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, criticou duramente os membros do Parlamento, definindo-os «ridículos».

Mas no fundo o que se pode esperar dos parlamentares europeus se os governos dos seus respetivos países não conseguem oferecer uma perspetiva concreta ao conceito de união, insisto no projeto europeu? Qual é a União Europeia que o presidente francês pretende lançar se depois, para além das declarações de intenções, o vizinho é deixado sozinho a gerir uma situação sem precedentes?

Sem dúvida nas escolhas da França, assim como nas da Espanha, da Áustria e de todos os países que nesses meses permaneceram surdos às solicitações italianas, pesam aversões, ainda que legítimas, ditadas pelo cenário interno. Mas com estes pressupostos a meta da integração europeia resta só uma mira miragem.

Na falta de um interlocutor confiável na Líbia com o qual estabelecer, recorrendo a muitos milhões, um pacto semelhante ao instaurado com a Turquia que fechou a chamada rota balcânica – um acordo muito criticado pelas organizações humanitárias – à Itália restam só os apelos à solidariedade aos parceiros europeus, apelos que até agora precipitaram no vazio.

E assim, enquanto a Europa debate, os migrantes continuam a partir e a morrer. A Organização Internacional das Migrações quantificou até hoje em 2247 as pessoas afogadas desde o início do ano enquanto tentavam chegar aos litorais europeus. Muitas outras estão prontas para partir. Na situação atual não pode haver alternativas: estas pessoas devem ser salvas e acolhidas. Por todos os países.



Um migrante depois do salvamento no Mediterrâneo (Reuters)



A Sua Excelência  
Doutora Angela Merkel  
Chanceler  
da República Federal  
da Alemanha

A seguir ao nosso recente encontro no Vaticano e respondendo ao seu oportuno pedido, desejo transmitir-lhe algumas considerações que me estão a peito, a mim e a todos os Pastores da Igreja católica, em vista da próxima reunião do G20, na qual participam os Chefes de Estado e de Governo do Grupo das maiores economias mundiais e as máximas autoridades da União Europeia. Continuo assim uma tradição encetada pelo Papa Bento XVI, em abril de 2009, por ocasião do G20 de Londres. O meu Predecessor escreveu a Vossa Excelência também em 2006, na circunstância da Presidência alemã da União Europeia e do G8.

Em primeiro lugar, gostaria de lhe manifestar, bem como aos líderes que se encontraram em Hamburgo, o meu apreço pelos esforços envidados para assegurar a governabilidade e a estabilidade da economia mundial, com especial atenção aos mercados financeiros, ao comércio, aos problemas fiscais e, de modo mais geral, a um crescimento da economia mundial que seja inclusivo e sustentável (cf. Comunicado do G20 de Hangzhou, 7 de setembro de 2006). Tais esforços, como justamente prevê o programa de trabalho do Encontro, são inseparáveis da atenção prestada aos conflitos atuais e ao problema mundial das migrações.

No Documento programático do meu Pontificado dirigido aos fiéis católicos, a Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, voltei a propor quatro princípios de ação para a construção de sociedades fraternais, justas e pacíficas: o tempo é superior ao espaço; a unidade prevalece sobre o conflito; a realidade é



Relatório anual do hospital pediátrico

## Ciência e caridade na missão do Bambino Gesù

*Eis o discurso do cardeal secretário de Estado por ocasião da apresentação do relatório médico e científico anual do hospital «Bambino Gesù», na tarde de 4 de julho na Casina Pio IV.*

PIETRO PAROLIN

Dirijo-vos uma cordial saudação, que dedico também a quantos fazem parte da grande família do hospital pediátrico Bambino Gesù. Uso esta palavra: “família” porque foi usada pelo Santo Padre Francisco, que ao receber há alguns meses um grupo das vossas crianças internadas, afirmou que «o Bambino Gesù se tornou uma família» e a criança doente encontra aqui «mais que um hospi-

tal», «uma família», uma «comunidade» (10 de abril de 2017).

Este é um dado muito significativo, que me apraz evidenciar no início deste pronunciamento. Ele implica que esta benemérita instituição está comprometida a conjugar de maneira válida ciência e humanidade, tratamentos especialistas e atenção ao conjunto das necessidades da pessoa humana, que enquanto pede os tratamentos mais eficazes deseja encontrar também um ambiente acolhedor, precisa de “carícias”, como dizia o Papa: «Há o perigo, o risco de esquecer o remédio mais importante que só uma família pode oferecer: as carícias! É um remédio demasiado caro, porque para o obter, para o poder ministrar, deves dar tudo



de ti, colocar todo o coração, todo o amor. E vós ofereceis carícias! As carícias dos médicos, dos enfermeiros, da presidente, de todos» (*ibid.*).

Pelo segundo ano consecutivo estamos na sede da Pontifícia Academia das ciências, para apresentar os resultados da atividade médica e científica do hospital. Uma escolha derivada da vontade de partilhar com a Santa Sé os frutos preciosos dos vosso trabalho, a satisfação pelos resultados alcançados, mas também dos desafios e dificuldades que deves enfrentar a cada dia. Por isso sinto-me muito feliz pela presença da ministra da Saúde, dep. Beatrice Lorenzin, a quem agradeço vivamente, porque os frutos e os resultados deste trabalho não seriam imagináveis sem a colaboração constante com as principais instituições do Estado italiano prepostas à tutela e à promoção da saúde pública.

Os relatórios que ouviremos daqui a pouco apresentar-nos-ão, através de números e tabelas pormenorizadas, um balanço da atividade médica e científica realizada em 2016. São dados significativos que o hospital põe à disposição da comunidade científica e das instituições públicas com satisfação pelos resul-

tados alcançados mas também com a consciência e a humildade de reconhecer que ninguém é dono da vida.

De facto, é decisivo — como vos recomendou o Santo Padre na audiência concedida ao hospital a 15 de dezembro do ano passado — «dar o melhor de si em vantagem de todos», sem a presunção de poder resolver todos os problemas, mas com a consciência tranquila de ter feito todo o possível. Deste modo, afirmou o Papa Francisco, «o trabalho, apesar de todas as dificuldades, torna-se um contributo para o bem comum, às vezes até uma missão». E isto é válido de modo totalmente especial para quem, como vós, cuida das pessoas mais frágeis, as crianças doentes.

Por conseguinte, a Santa Sé aprecia os resultados alcançados pela atual diretoria do hospital Bambino Gesù e exorta a prosseguir pelo caminho empreendido da excelência científica, do rigor e da transparência com a qual se estão a realizar as atividades em âmbito médico e administrativo. Em particular, gostaria de garantir a estima, a confiança e a proximidade contínua do Santo Padre, com o qual ontem tive a oportunidade de falar sobre o nosso encontro de hoje: «Transmita à doutora Enoc e a todos os seus colaboradores a minha saudação afetuosa e recorde-lhe o que eu disse no último encontro, que ela “é quase como uma mãe” (10 de abril de 2017)».

CONTINUA NA PÁGINA 9

## Charlie e Jesus

O que aconteceria se os pais de Charlie Gard se encontrassem com Jesus, passando por uma rua? No meio das vozes de tantas pessoas, cada um com o seu modo de pensar e a vontade de dar a própria opinião, o que faria Jesus? De facto, é possível pensar que, diante desta tragédia humana assim como de muitas outras semelhantes, Jesus nada diria, simplesmente se inclinaria para desenhá-lo no chão e esperaria que se fizesse silêncio. Não pronunciaria juízo algum, mas convidaria todos a ir além e a «não voltar a pecar», como se lê no evangelho de João (8, 11). Não seria uma recomendação inoportuna? Onde se encontra o pecado em situações como esta?

Se pecado é ruptura de equilíbrio e de harmonia, resultado de confusão e ignorância mas também inevitável queda da ação humana, infelizmente pode-se dizer que o pecado neste caso está presente em toda a parte. É pecado a comercialização que se faz de uma tragédia familiar. Jornalistas famintos de notícias e peritos de vários tipos nutrem-se de questões como esta por profissão. Os seus comentários podem ser como tantas pedras lançadas contra uma criança sem defesa e os seus pais desprotegidos. É pecado o que nasce de decisões clínicas inevitáveis que devem ser tomadas com uma alternativa entre duas situações difíceis ou impossíveis de resolver. Também comete pecado quem não vê e quem aconselha e ilude sem convicção. Por fim, é um grande pecado o de impor decisões de fora, que violam o sagrado vínculo pessoal que une filhos e pais mas também médico e família. Mas resposta a tudo isto, a exortação de Jesus a ir além e a não voltar a pecar talvez quisesse dizer reencontrar no silêncio o mistério da vida e deixar que ele faça o seu percurso com confiança. (*gianpaolo dotto*)

Acerca do protocolo de Groningen

## Eutanásia de crianças

LUCETTA SCARAFFIA

Enquanto de várias partes houve mobilizações para impedir ou, pelo menos, adiar o momento da morte do pequeno Charlie Gard, caso trágico mas distante da eutanásia, no silêncio mais absoluto recém-nascidos considerados doentes muito graves são habitualmente assassinados.

Foi o médico holandês Eduard Verhagen quem propôs disciplinar esta prática, partindo do pressuposto que de cada 200.000 crianças que nascem todos os anos nos Países Baixos 1.000 morrem nos primeiros meses, das quais 600 por causa de uma decisão médica, geralmente relativa à oportunidade de não continuar ou não iniciar um tratamento intenso, ou seja, para evitar a obstinação terapêutica. Verhagen inspira assim o chamado protocolo de Groningen, segundo o qual a possibilidade de intervenção abrange também uma verdadeira eutanásia para as crianças que «podem ter uma qualidade de vida muito baixa, sem perspectiva de melhoramento». Portanto, o conceito extremamente vago de “qualidade” de vida abre-se a várias possibilidades, que ultrapassam amplamente a obstinação terapêutica.

Para tornar legítimo este procedimento, que exige obviamente também o consentimento dos pais, o protocolo prevê um complexo percurso

burocrático, a ser redigido antes e depois da morte da criança.

Embora nos Países Baixos a eutanásia seja legal, e a partir dos doze anos, este protocolo, elaborado no hospital universitário de Groningen, e aprovado logo a seguir pela Associação holandesa de pediatria, não foi votado como lei. Portanto, quem o atua pode ser perseguido legalmente, mas na realidade isto não acontece, porque até agora os tribunais holandeses se expressaram sempre a favor dos médicos que praticavam atos eutanásicos, também sobre recém-nascidos.

Contudo, o status de ilegalidade das práticas explica o motivo devido ao qual não é possível descobrir o número de crianças submetidas a este procedimento: com efeito, os médicos desanimados também pela duração do percurso burocrático proposto, preferem declarar a morte natural mesmo quando intervêm com finalidades eutanásicas. É suficiente pensar que nenhum relatório em conformidade com o protocolo foi entregue em 2012 e em 2013, não obstante seja muito mais provável que a eutanásia tenha sido praticada.

Isto acontece porque no fundo a opinião pública é em grande medida favorável ao protocolo, e

aceita-o embora não seja legalizado. Porém, há médicos que fizeram críticas, sobretudo relativamente à possibilidade de realizar prognósticos sobre a «qualidade de vida futura», ignorando os recursos de cada paciente e os eventuais progressos científicos.

Os críticos assinalam também que o consentimento dos pais se baseia sobre um conceito muito ambíguo: com efeito, a sua resposta é sempre condicionada pelo modo como foi apresentada a situação das crianças pelos médicos, sem contar o estado de depressão emotiva em que os pais se encontram.

Recentemente, sempre em prol da eutanásia de recém-nascidos intervieram também dois filósofos no «Journal of Medical Ethics», motivando-a em relação aos recém-nascidos cuja condição teria “justificado” o aborto, a ponto de denominar a sua eutanásia um “aborto pós-natal”. Por conseguinte, a onda de solidariedade e de proteção que o caso de Charlie Gard suscitou não deve limitar-se a um momento de isolada, embora intensa comoção, mas tornar-se uma ocasião para denunciar casos ainda mais graves. De modo a levar os responsáveis a refletir sobre a gravidade do que acontece diante dos seus olhos, numa ilegalidade não só tolerada mas até justificada.

Carta da Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos

## Sobre o pão e o vinho para a Eucaristia

1. A Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, por determinação do Santo Padre Francisco, dirige-se aos Bispos diocesanos (ou àqueles que pelo direito lhe são equiparados) para lhes recordar que lhes compete providenciar dignamente a tudo aquilo que é necessário para a celebração da Ceia do Senhor (cf. *Lc* 22, 8.13). Ao Bispo, primeiro dispensador dos mistérios de Deus, moderador, promotor e garante da vida litúrgica na Igreja que lhe está confiada (cf. *CIC*, cân. 835 § 1) compete-lhe vigiar sobre a qualidade do pão e do vinho destinado à Eucaristia e, por isso, também, aqueles que o fabricam. A fim de ser uma ajuda, lembramos as normas existentes e sugerimos algumas indicações práticas.

2. Enquanto até agora, de um modo geral, algumas comunidades religiosas se dedicavam a preparar com cuidado o pão e o vinho para a celebração da Eucaristia, hoje estes vendem-se, também, em supermercados, lojas ou mesmo pela internet. Para que não fiquem dúvidas acerca da validade desta matéria eucarística, este Dicastério sugere aos Ordinários que deem indicações a este respeito; por exemplo, garantindo a matéria eucarística mediante a concessão de certificados.

O Ordinário deve recordar aos sacerdotes, em particular aos párocos e aos reitores das igrejas, a sua responsabilidade em verificar quem é que fabrica o pão e o vinho para a celebração e a conformidade da matéria.

Compete ao Ordinário informar e advertir para o respeito absoluto das normas os produtores de vinho e de pão para a Eucaristia.

3. As normas acerca da matéria eucarística indicadas no cân. 924 do *CIC* e nos números 319 a 323 da *Institutio generalis Missalis Romani*, foram já explicadas na Instrução *Redemp-*

*tionis Sacramentum* desta Congregação (25 de março de 2004):

a) «O pão que se utiliza no santo Sacrifício da Eucaristia deve ser ázimo, unicamente feito de trigo, confeccionado recentemente, para que não haja nenhum perigo de que se estrague por ultrapassar o prazo de validade. Por conseguinte, não pode constituir matéria válida para a realização do Sacrifício e do Sacramento eucarístico, o pão elaborado com outras substâncias, embora sejam cereais, nem mesmo levando a mistura de uma substância diversa do trigo, em tal quantidade que, de acordo com a classificação comum, não se pode chamar pão de trigo. É um abuso grave introduzir, na fabricação do pão para a Eucaristia, outras substâncias como frutas, açúcar ou mel. Pressupõe-se que as hóstias são confeccionadas por pessoas que, não só se distinguem pela sua honestidade, mas que, além disso, sejam peritas na sua confeção e disponham

dos instrumentos adequados» (n. 48).

b) «O vinho que se utiliza na celebração do santo Sacrifício eucarístico deve ser natural, do fruto da videira, puro e dentro da validade, sem mistura de substâncias estranhas... Tenha-se diligente cuidado para que o vinho destinado à Eucaristia se conserve em perfeito estado de validade e não se avinagre. É totalmente proibido utilizar um vinho em relação ao qual haja dúvida quanto ao seu caráter genuíno ou à sua procedência, pois a Igreja exige certeza sobre as condições necessárias para a validade dos sacramentos. Não se deve admitir sob nenhum pretexto outras bebidas de qualquer género, pois não constituem matéria válida» (n. 50).

4. A Congregação para a Doutrina da Fé, na sua *Carta circular aos Presidentes das Conferências Episcopais acerca do uso do pão com pouca quantidade de glúten e do mosto como ma-*

*téria eucarística* (24 de julho de 2003, Prot. n. 89/78 - 17498), indicou as normas para as pessoas que, por diversos e graves motivos, não podem consumir pão normalmente confeccionado ou vinho normalmente fermentado:

a) «As hóstias *completamente* sem glúten são matéria inválida para a eucaristia. São matéria válida as hóstias *parcialmente* desprovidas de glúten, de modo que nelas esteja presente uma quantidade de glúten suficiente para obter a panificação, sem acréscimo de substâncias estranhas e sem recorrer a procedimentos tais que desnatem o pão» (A. 1-2).

b) «Mosto, isto é, o sumo de uva, quer fresco quer conservado, de modo a interromper a fermentação mediante métodos que não lhe alterem a natureza (p. ex., o congelamento), é matéria válida para a eucaristia» (A. 3).

c) «Os Ordinários têm competência para conceder a licença de usar pão com baixo teor de glúten ou mosto como matéria da Eucaristia em favor de um fiel ou de um sacerdote. A licença pode ser outorgada habitualmente, até que dure a situação que motivou a concessão» (C. 1).

5. Por outro lado, a mesma Congregação decidiu que a matéria eucarística confeccionada com organismos geneticamente modificados pode ser considerada válida (cf. Carta ao Perfeito da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, 9 de Dezembro de 2013, Prot. n. 89/78 - 44897).

6. Aqueles que confeccionam o pão e produzem o vinho para a celebração, devem ter a consciência de que o seu trabalho se destina ao Sacrifício Eucarístico, e por isso, são-lhes requeridas honestidade, responsabilidade e competência.

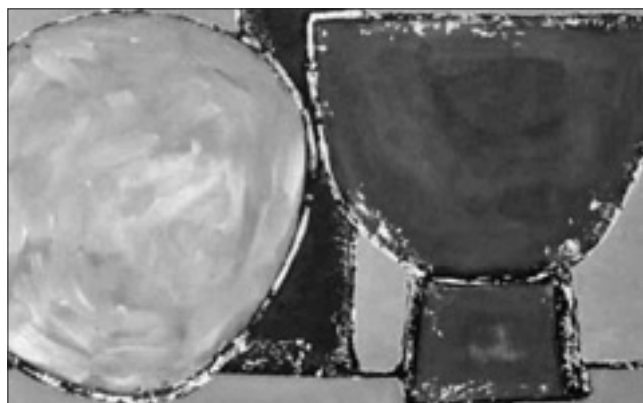
7. Para que sejam observadas as normas gerais, os Ordinários podem utilmente pôr-se de acordo ao nível da Conferência Episcopal, dando indicações concretas. Considerando a complexidade de situações e circunstâncias, como é o facto da negligência pelo sagrado, adverte-se para a necessidade prática de que, por incumbência da Autoridade competente, haja quem efectivamente garanta a autenticidade da matéria eucarística da parte dos produtores como da sua conveniente distribuição e venda.

Sugere-se, por exemplo, que a Conferência Episcopal encarregue uma ou duas Congregações religiosas, ou outra Entidade com capacidade para verificar a produção, conservação e venda do pão e do vinho para a Eucaristia num determinado país ou noutros países para os quais se exporta. Recomenda-se, ainda, que o pão e o vinho destinados à Eucaristia tenham um tratamento conveniente nos lugares de venda.

*Sede da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos 15 de junho de 2017 solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo.*

Robert Card. Sarah  
Prefeito

D. Arthur Roche  
Arcebispo Secretário



Graham Pigott, «Pão e vinho»

## Relatório anual do hospital pediátrico

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

Por detrás de tantos números e tabelas apresentados no relatório médico e científico, recordemos sempre que há jovens curados, doenças sem nome das quais se identificou o diagnóstico, muitas famílias assistidas e tantas crianças que não teriam podido receber tratamento algum se o hospital Bambino Gesù não tivesse aberto as portas e o coração. Por trás destes números está o compromisso fundamental da diretoria do hospital a tornar sempre sustentável – e sabemos como é difícil – esta obra extraordinária da inteligência e da caridade do Papa e da Igreja.

A tal propósito gostaria de frisar dois aspetos, que considero essenciais para o futuro deste instituto.

O primeiro relaciona-se com a missão do hospital. O Bambino Gesù deve saber continuar a conjugar ciência e caridade, como sempre fez ao longo da sua história, embora em modalidades diversas. Tratar e cuidar são verbos inseparáveis da nossa ação diária. Eles exprimem a

finalidade da vossa atividade, que para estar sempre à altura das expectativas é necessário que se dê espaço à pesquisa científica e ao mesmo tempo se saiba acolher e acompanhar os pequenos doentes e os seus pais, oferecendo-lhes além dos modernos tratamentos médicos disponíveis, um ambiente sereno, o mais próximo possível daquele que se respira em família.

Como é importante esta obra de acolhimento das famílias, com a qual o hospital se empenha fortemente, bem como as missões médicas em países longínquos e a assunção dos casos chamados “humanitários”. Este é o estilo do Bambino Gesù, o seu testemunho especial.

O segundo aspeto diz respeito às problemáticas e às oportunidades com as quais o hospital deverá confrontar-se nos próximos anos.

Em 2019 serão celebrados os 150 anos da fundação do hospital, por iniciativa da família Salviati, em 1869. Trata-se de uma história única e preciosa, que é necessário se abra corajosamente para o futuro, aceitando novos desafios apresentados

pelos progressos da medicina e pelo desenvolvimento da organização médica.

Para continuar a garantir a qualidade e a segurança dos tratamentos aos pequenos pacientes e o oportuno acolhimento das famílias, o hospital precisa de encontrar novos espaços e modelos organizativos.

Portanto a exortação que dirijo de modo especial ao conselho de administração que acabou de ser renovado, é que saiba acompanhar a mudança necessária com sabedoria, clareza e, sobretudo, confiança, esperando no apoio do Santo Padre, da Santa Sé e no meu pessoal e, principalmente, do Senhor Jesus, a fim de que «todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes» (*Mt* 25, 40).

Obrigado em meu nome, em nome das crianças que curais e das suas famílias, por tudo o que fazeis e continuareis a fazer.

O Senhor Jesus, por intercessão de sua Mãe Maria, Saúde dos Enfermos, vos abençoe e proteja sempre.



Arcebispo emérito de Köln

## Faleceu o cardeal alemão Joachim Meisner

*O cardeal alemão Joachim Meisner, arcebispo emérito de Köln, falecido nas primeiras horas de quarta-feira 5 de julho em Bad Füssing, na diocese bávara de Passau tinha 83 anos. Nasceu a 25 de dezembro de 1933 em Breslau, capital da Baixa Silésia, que naquele tempo pertencia à Alemanha mas hoje é território polaco com o nome de Wrocław. Tendo recebido a Ordenação sacerdotal no dia 22 de dezembro de 1962, a 17 de março de 1975 foi nomeado auxiliar do administrador apostólico de Erfurt-Meiningen e simultaneamente eleito Bispo Titular de Vina. Recebeu a Ordenação episcopal a 17 de maio do mesmo ano. Após a morte do cardeal Alfred Bengsch, no dia 22 de abril de 1980 foi transferido para a diocese de Berlim, abrangendo quer a parte oriental quer a ocidental da cidade, na época dividida em duas pelo famigerado Muro. Foi criado cardeal do título de Santa Pudenziana no consistório de 2 de fevereiro de 1983. Nomeado a 20 de dezembro de 1988 arcebispo metropolitano de Köln, renunciou ao governo pastoral da arquidiocese a 28 de fevereiro de 2014.*

Em Berlim ainda se recordam dele como “o bispo que ultrapassava o Muro”. Joachim Meisner foi um dos poucos autorizados a fazê-lo; ele que viveu inteiramente a experiência comunista da Alemanha oriental chegando depois a Köln um ano antes que o Muro fosse abatido.

Ao cardeal Meisner, os quarenta e cinco anos sob o comunismo deixaram claro que «aquele sistema fundado em mentiras cedo ou tarde teria desmoronado». Mas em 1989 «pensava que teria resistido por mais duzentos anos...». Por isso confessava ter-se surpreendido quando João Paulo II o transferiu «re-

pentinamente» para Köln. Ele, bispo da Alemanha oriental, enviado como pastor à mais rica entre as dioceses alemãs do Ocidente, a “Roma alemã”. Ali, em agosto de 2005, pôde celebrar a Jornada mundial da juventude recebendo Bento XVI, o Papa alemão, na primeira viagem do seu pontificado. A ponto que o saudoso cardeal indicava aquela Jmj como «um dos momentos mais significativos» da sua vida.

Nasceu no dia de Natal de 1933 em Breslau, na época inserida no território da Alemanha, no final da segunda guerra mundial foi expulso da Silésia com a sua família. Chegando a Turingia em 1945 numa situação de diáspora, aqueles deslocados eram de novo os primeiros católicos na região desde o período da Reforma luterana. «Apesar da miséria exterior – sem igrejas, sem paróquias, sem possibilidades de manifestar publicamente a fé católica – levávamos uma vida cristã muito intensa», confidenciou numa entrevista ao nosso jornal.

Falando sobre a sua infância na República democrática alemã, um dos Estados satélites da União soviética, contava que na escola davam aulas de russo «porque era o instrumento de introdução ao comunismo». E a sua primeira resistência, feita com os companheiros da escola, foi precisamente rejeitar a aprendizagem daquela língua. Entrou no seminário de Erfurt onde completou os estudos teológicos, realizando o desejo de ser sacerdote, que sentia desde muito jovem. Foi ordenado presbítero com vinte e nove anos no dia 22 de dezembro de 1962 pelo bispo Joseph Freusberg, em Erfurt, em seguida desempenhou os cargos de vigário cooperador nas paróquias de Santo Egidio, em Heiligenstadt, e da Santa Cruz, na cidade de Erfurt. Dedicou-se também à assistência espiritual da Cáritas local e a outras atividades pastorais na República democrática alemã, até 17 de março de 1975 quando Paulo VI o nomeou auxiliar do administrador apostólico de Erfurt-Meiningen. Recebeu a Ordenação episcopal no dia 17 de maio do mesmo ano.

Com grande entusiasmo D. Meisner deu início ao seu ministério na administração apostólica *permanentemente* constituta e depois de cinco anos, a



22 de abril de 1980, João Paulo II nomeou-o para a sede de Berlim.

Diocese singular, «sempre sob os refletores da política», abrangia tanto a parte oriental como a ocidental da cidade, e também a inteira zona rural circunstante com muitas paróquias menores e comunidades disseminadas: trinta mil quilómetros quadrados, nos quais viviam um milhão e 200 mil católicos e cerca de 8 milhões de protestantes. O bispo Meisner residia em Berlim oriental, mas transitava inclusive em Berlim ocidental por razões pastorais. De setembro de 1982 a 1989 foi também presidente da Berliner Bischofskonferenz, cargo no qual sucedeu ao bispo de Dresden-Meissen, D. Gerhard Schaffran.

Nem sequer três anos depois da chegada a Berlim, o Papa Wojtyła

anos da colocação da primeira pedra daquele templo.

Figura de referência da Igreja alemã também depois da reunificação, o cardeal Meisner participou em diversos sínodos dos bispos e desempenhou um papel importante sobretudo na segunda assembleia especial para a Europa, em 1999, na qual exerceu o cargo de presidente delegado. Comprometido pessoalmente no caminho ecuménico, reforçado pela experiência alemã, evidenciou naquela reunião a importância de se conhecer melhor e de colaborar o mais possível. Desde sempre em primeira fila na defesa da vida, quando em 1999 na Alemanha foi autorizado o comércio da píluia Ru486, ele falou de “um dia de luto”. Por fim, retomando um filão importante da Igreja em Köln, dedicou grande

Na paróquia de Santo Eugénio

### Exéquias de Joaquín Navarro-Valls

Joaquín Navarro-Valls foi sobretudo um homem de fé coerente, cuja vida pode ser resumida em três aspetos do seu caráter, isto é, lealdade, profissionalismo e dom de si. Assim, monsenhor Mariano Fazio, vigário-geral do Opus Dei, descreveu-o na manhã de 7 de julho na paróquia romana de Santo Eugénio ao presidir às exéquias do jornalista espanhol que de 1984 a 2006 dirigiu a Sala de imprensa da Santa Sé. Concelebraram dezoito bispos e sacerdotes, entre os quais o passionista Ciro Benedettini, o jesuíta Federico Lombardi e monsenhor Dario Edoardo Viganò. No final da missa foram lidas as mensagens de participação do prelado do Opus Dei, monsenhor Fernando Ocariz, e do cardeal Stanisław Dziwisz. Participaram no rito o substituto da Secretaria de Estado, arcebispo Angelo Becciu, os cardeais Julián Herranz, Leonardo Sandri, Jean-Louis Tauran e James Michael Harvey, diplomatas, jornalistas, os funcionários da Sala de imprensa da Santa Sé acompanhado do diretor, Greg Burke, e o diretor de L'Osservatore Romano.

### Pesar do Santo Padre

*Ao receber a notícia do falecimento do cardeal Joachim Meisner, arcebispo emérito de Köln (Alemanha), o Papa Francisco enviou ao cardeal Rainer Woelki, sucessor do saudoso purpurado, o seguinte telegrama de pésames.*

Com profunda comção tomei conhecimento de que o Cardeal Joachim Meisner foi chamado improvisa e inesperadamente desta terra pelo Deus da misericórdia. Estou próximo a Vossa Excelência e a todos os fiéis da Arquidiocese de Colónia na oração pelo saudoso Pastor. Com fé profunda e amor sincero pela Igreja, o Cardeal Meisner dedicou-se ao anúncio da Boa Nova. Que Cristo Senhor o recompense pelo compromisso fiel e intrépido em prol do bem dos homens do leste e do oeste, e o torne partícipe da comunhão dos Santos no céu. De coração concedo a Bênção Apostólica a quantos comemoram o ilustre Pastor com orações e sacrifícios.

PAPA FRANCISCO

criou-o cardeal do título de Santa Pudenziana no consistório de 2 de fevereiro de 1983. Sucessivamente foi nomeado membro das Congregações para o culto divino e a disciplina dos sacramentos, para os bispos e para o clero, do Pontifício conselho para os textos legislativos, da Prefeitura dos assuntos económicos da Santa Sé e do Conselho de cardeais para o estudo dos problemas organizativos e económicos da Santa Sé.

No dia 20 de dezembro de 1988 o Papa nomeou-o arcebispo de Köln, portanto cerca de um ano antes da queda do Muro de Berlim. A 12 de fevereiro entrou na famosa catedral, a maior igreja da Alemanha, e depois de dez anos, em 1998, presidiu às celebrações solenes para os 750

atenção ao mundo do trabalho, fazendo referência à figura de Adolph Kolping, «testemunha prática da doutrina social da Igreja».

Enviado especial de João Paulo II e de Bento XVI em diversas celebrações significativas em toda a Europa, em maio de 2008 em Trier, em nome do Papa Ratzinger, beatificou a religiosa Maria Rosa Flesch. Uma missão que continuou a desempenhar inclusive depois que o Papa Francisco aceitou a sua renúncia ao governo pastoral de Köln, a 28 de fevereiro de 2014. De facto, no verão de 2015, foi enviado especial à celebração de inauguração do edifício conventual do santuário de Maria Radna, realizada em Timisoara, na Roménia.

## INFORMAÇÕES

### Audiências

*O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:*

A 7 de julho

O Senhor Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos; e D. Jean-Marie Speich, Núncio Apostólico em Gana.

A 8 de julho

D. Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

### Renúncias

*O Santo Padre aceitou a renúncia:*

No dia 7 de julho

Do Cardeal Angelo Scola, ao governo pastoral da Arquidiocese metropolitana de Milão (Itália).

De D. Piergiorgio Debernardi, ao governo pastoral da Diocese de Pinerolo (Itália).

No dia 8 de julho

De D. Mario Eusebio Mestril Vega, ao governo pastoral da Diocese de Ciego de Ávila (Cuba).

No dia 12 de julho

De D. Guillermo Garlatti, ao governo pastoral da Arquidiocese de Bahía Blanca (Argentina).

De D. Afonso Fioreze, C.P., ao governo pastoral da Diocese de Luziânia (Brasil).

De D. Manoel dos Reis de Farias, ao governo pastoral da Diocese de Petrolina (Brasil).

De D. Luciano Monari, ao governo pastoral da Diocese de Bréscia (Itália).

### Nomeações

*O Sumo Pontífice nomeou:*

A 7 de julho

Arcebispo Metropolitano de Milão (Itália), D. Mario Enrico Delpini, até hoje Auxiliar e Vigário-Geral da mesma Sede.

Bispo da Diocese de Pinerolo (Itália), o Rev.<sup>mo</sup> Mons. Derio Olivero, do clero da Diocese de Fossano, até agora Vigário-Geral da mesma Sede.

*D. Derio Olivero nasceu em Cuneo (Itália), no dia 17 de março de 1961. Foi ordenado Sacerdote a 12 de setembro de 1987.*

A 8 de julho

Subsecretários do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, o Rev.<sup>mo</sup> Mons. Segundo Tejado Muñoz, ex-Subsecretário do Pontifício Conselho «Cor Unum»; o Rev.<sup>do</sup> Pe. Nicola Riccardi, O.F.M., Professor na Faculdade de Teologia, Cátedra de Justiça e Paz, da Pontifícia Universidade Antonianum em Roma; e a Dra. Flaminia Giovannelli, ex-Subsecretária

do Pontifício Conselho «Justiça e Paz».

Bispo de Ciego de Ávila (Cuba), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Juan Gabriel Diaz Ruiz, do clero da Arquidiocese de Camagüey (Cuba), até esta data Pároco da Paróquia «Nuestra Señora del Carmen» em Florida.

*D. Juan Gabriel Diaz Ruiz nasceu em Camagüey (Cuba), no dia 14 de novembro de 1960. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 5 de agosto de 1989.*

A 11 de julho

Bispo de Cleveland (EUA), D. Nelson J. Perez, até hoje Auxiliar da Diocese de Rockville Centre.

Bispo de Juneau (EUA), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Andrew E. Bellisario, C.M., até esta data Reitor da co-Catedral «Our Lady of Guadalupe» em Anchorage.

*D. Andrew E. Bellisario, C.M., nasceu em Los Angeles (EUA), a 19 de dezembro de 1956. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 16 de junho de 1984.*

Auxiliar da Diocese de Bangassou (República Centro-Africana), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Jesús Ruiz Molina, M.C.C.I., até hoje Pároco em Moundoumba, Vigário forâneo e Coordenador diocesano da Comissão para a Catequese na Diocese de M'Baïki, simultaneamente eleito Bispo Titular de Arae in Mauretania.

*D. Jesús Ruiz Molina, M.C.C.I., nasceu no dia 23 de janeiro de 1959, em La Cueva de Roa (Espanha). Foi ordenado Sacerdote a 11 de julho de 1987.*

A 12 de julho

Arcebispo de Bahía Blanca (Argentina), D. Carlos Alfonso Azpiroz Costa, O.P., até agora Coadjutor da mesma Sede.

Bispo da Diocese de Luziânia (Brasil), D. Waldemar Passini Dalbello, até esta data Coadjutor da mesma Sede.

Bispo da Diocese de Bréscia (Itália), D. Pierantonio Tremolada, até hoje Auxiliar da Arquidiocese de Milão.

### Prelados falecidos

*Adormeceram no Senhor:*

No dia 6 de julho

D. Giovanni Bernardo Gremoli, ex-Vigário Apostólico da Arábia.

*O venerando Prelado nasceu em Poppo (Itália), no dia 30 de junho de 1926. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 17 de fevereiro de 1951. Foi ordenado Bispo em 22 de fevereiro de 1976.*

### Início de Missão de Núncios Apostólicos

D. Giambattista Diquattro, Arcebispo Titular de Giru Mons, no Nepal (4 de junho).

D. Edward Joseph Adams, Arcebispo Titular de Scala, na Grã-Bretanha (8 de junho).

### Congregação para as causas dos santos

## Promulgação de decretos

No dia 7 de julho, o Papa Francisco recebeu em audiência o cardeal Angelo Amato, S.D.B., prefeito da Congregação para as causas dos santos. Durante a audiência, o Sumo Pontífice autorizou a mencionada Congregação a promulgar os decretos relativos:

– ao milagre, atribuído à intercessão da venerável serva de Deus Ana Chrzanowska, leiga; nascida a 7 de outubro de 1902 em Varsóvia (Polónia) e falecida no dia 29 de abril de 1973 em Cracóvia (Polónia);

– ao martírio do servo de Deus Jesús Emilio Jaramillo Monsalve, do instituto para as missões estrangeiras de Yarumal, bispo de Arauca; assassinado por ódio à fé no ano de 1989 nos arredores de Fortul (Colômbia);

– ao martírio do servo de Deus Pedro Maria Ramírez Ramos, sacerdote diocesano; assassinado por ódio à fé em 10 de abril de 1948 na localidade de Armero (Colômbia);

– às virtudes heroicas do servo de Deus Ismael Perdomo, arcebispo de Bogotá; nascido a 22 de fevereiro de 1872 em El Gigante (Colômbia) e falecido no dia 3 de junho de 1950 em Bogotá (Colômbia);

– às virtudes heroicas do servo de Deus Luís Kosiba (no século, Pedro), leigo professo da ordem dos frades menores; nascido no dia 29 de junho de 1855 em Libusza (Polónia) e falecido a 4 de janeiro de 1939 em Wieliczka (Polónia);

– às virtudes heroicas da serva de Deus Paula de Jesus Gil Cano, fundadora da congregação da Puríssima Conceição; nascida a 2 de fevereiro de 1849 em Vera (Espanha) e falecida no dia 18 de janeiro de 1913 em Múrcia (Espanha);

– às virtudes heroicas da serva de Deus Maria Elisabetta Mazza, fundadora do instituto das irmãs apóstolas da escola cristã; nascida a 21 de janeiro de 1886 em Martinengo (Itália) e falecida no dia 29 de agosto de 1950 em Bérghamo (Itália); e

– às virtudes heroicas da serva de Deus Maria Crucificada do Amor Divino (no século, Maria Gargani), fundadora da congregação das apóstolas do Sagrado Coração; nascida no dia 23 de dezembro de 1892 em Morra Irpino (hoje, Morra De Sanctis, Itália) e falecida a 23 de maio de 1973 em Nápoles (Itália).

## A crise política do Brasil não deve recair sobre o povo

«Os interesses de mercado não são motivos para sacrificar o povo», declarou o arcebispo de Brasília e presidente da CNBB, cardeal Sérgio da Rocha, em relação às reformas económicas do governo em debate nestes dias. O purpurado recordou que o episcopado brasileiro conhece perfeitamente as dificuldades e os escândalos que atingiram o país sul-americano. «A crise económica não pode continuar – os bispos não se pronunciam sobre a situação do presidente Michel Temer, seguindo a tradição de não comentar os governos nem os partidos de modo direto – mas acompanhamos de perto».

A crise política agravou-se – acrescentou o cardeal Sérgio da Ro-

cha – e «não se pode aceitar» que se continue «a ignorar tudo, a fingir que nada acontece, para justificar a votação de projetos ou dizer como pretexto que o país deve seguir em frente. Devemos recordar – concluiu o purpurado – que a corrupção mata, porque a falta de recursos nega à população a saúde, a educação, a alimentação e o trabalho».

O senado brasileiro acaba de debater e votar a lei sobre a reforma do trabalho, e a opinião pública continua a pressionar depois dos casos de corrupção que se verificaram nos mais elevados cargos do Estado. Nos últimos meses intensificou-se a pressão da opinião pública por uma decisiva mudança de rota.

## Oração pelas vítimas do desabamento no sul da Itália

A «proximidade espiritual» do Papa Francisco chegou às famílias que perderam os seus entes queridos no desabamento do edifício em Torre Annunziata no dia 7 de julho. O Pontífice, através do cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado, enviou ao arcebispo de Nápoles, cardeal Crescenzo Sepe, uma mensagem na qual exprimiu «sentimentos de profundo pesar aos familiares e aos parentes, garantindo fervorosas orações de sufrágio por quantos morreram tragicamente». O desabamento provocou oito mortos, entre os quais um menino de 8 anos e um adolescente de 14. Precisamente o corpo da vítima mais jovem, Salvatore Guida, foi o último a ser retirado dos escombros, na manhã do dia 8 de julho. O Papa Francisco invocou «o Deus da misericórdia pelos feridos e por quantos sofrem por causa da perda de pessoas queridas, enviando a todos a confortadora bênção apostólica».

Em outubro o congresso mundial dedicado à pesca

# Os desafios do apostolado do mar

*No dia 9 de julho, por ocasião do Domingo do mar, o Dicastério para o Serviço do desenvolvimento humano integral enviou aos capelães, aos voluntários, aos amigos e aos representantes do apostolado do mar a seguinte mensagem de bons votos e gratidão pela tarefa que desempenham. Em particular, a mensagem evoca a importância da tutela dos direitos de quantos trabalham no mar, expressos na Convenção do trabalho marítimo de 2006, e anuncia o XXIV congresso mundial do Apostolado do mar, dedicado à pesca e aos pescadores, que terá lugar em Kaohsiung (Taiwan), no próximo mês de outubro.*

Queridos capelães, voluntários amigos e representantes do Apostolado do Mar!

Na nossa vida diária, estamos continuamente circundados e utilizamos numerosos objetos e produtos que, num determinado momento da sua viagem, foram transportados em navios. É difícil imaginar por detrás destes objetos os rostos dos muitos marinheiros que garantiram uma navegação tranquila a fim de que os navios pudessem descarregar as suas mercadorias nos portos.

A celebração do Domingo do Mar convida-nos a reconhecer e a exprimir a nossa gratidão a esta força de trabalho composta por mais de um milhão e meio de marinheiros (a maior parte dos quais provém de países em vias de desenvolvimento). Graças ao seu trabalho difícil e aos seus sacrifícios, a nossa vida é mais confortável pois eles transportam, de um país para outro através dos oceanos, cerca de 90 por cento de mercadorias de todo o tipo.

Embora o seu contributo seja essencial para a economia mundial, inúmeras são as dificuldades e muitos os desafios que estas pessoas devem enfrentar e que influenciam a sua vida e dignidade. Gostaria de recordar alguns deles.

Não obstante os grandes progressos alcançados no campo tecnológico, que melhoraram a comunicação entre os marinheiros e os seus entes queridos, os longos meses passados longe da família continuam a representar um sacrifício enorme, que com frequência se repercute negativamente na vida familiar. As mães ficam sozinhas e são obrigadas a desempenhar múltiplos papéis na educação dos filhos que crescem com o pai sempre ausente. É importante que no nosso ministério pastoral prestemos atenção particular às famílias dos marinheiros, favorecendo e apoiando a criação de grupos de esposas para ajuda e assistência recíprocas.

A utilização das redes sociais permite que os membros da tripulação fiquem em contacto com muitas pessoas no mundo inteiro; contudo eles permanecem separados e isolados uns dos outros, porque a bordo cada um vive no seu mundo virtual no qual procura refúgio durante os momentos livres. A nossa função, especialmente durante as visitas a bordo, é procurar criar uma «conexão humana» e reforçar a «comunicação humana» entre os membros da tripulação a fim de evitar a solidão, o isolamento e a depressão, todos fatores que podem levar ao suicídio que, segundo um recente estudo publica-

do na Grã-Bretanha pelo P&I Club, resulta ser a principal causa de morte entre os marinheiros.

A intensificação da ameaça do terrorismo em todo o mundo exige novas medidas de segurança que limi-

para ter «acesso a estruturas e serviços em terra firme a fim de salvar o próprio estado de saúde e bem-estar» (MLC 2006, título 4, Regulamento 4, 4).

Apesar da adoção e da entrada em vigor no mês de agosto de 2013 da MLC 2006, que estabelece os requisitos internacionais mínimos dos direitos humanos e trabalhistas dos marinheiros, ainda existem demasiados casos de tripulações enganadas nos salários, exploradas e vítimas de abusos no seu trabalho, injustamente criminalizadas por acidentes maríti-

Congresso mundial que terá lugar em Kaohsiung (Taiwan), no próximo mês de outubro.

Assim como os marinheiros, também os pescadores passam longos períodos no mar, frequentemente a bordo de navios pesqueiros sem condições para navegar. Embora a sua profissão seja considerada uma das mais perigosas do mundo, os seus salários são notavelmente inferiores em relação ao dos marinheiros. O setor da pesca é atormentado por casos de tráfico de seres humanos e de trabalho forçado, sendo sujeito à



tam ulteriormente, nalguns portos, a possibilidade de desembarque dos marinheiros e, às vezes também o acesso de visitantes ao navio. Mesmo por um lado compreendendo a necessidade de tornar os portos «um lugar seguro» para as pessoas e as

mesas e abandonadas em portos estrangeiros. Enquanto temos o dever de dar toda a assistência e apoio necessários às tripulações que sofrem privações e dificuldades, exortemos as autoridades marítimas a prestar mais atenção e a ser mais vigilantes para prevenir os abusos e reparar as injustiças.

Mesmo se a ameaça da pirataria nas rotas marítimas tenham diminuído em relação ao passado recente, o perigo de ataques armados e de sequestros é ainda muito elevado nalgumas áreas geográficas. Por conseguinte, convidamos a comunidade marítima a não diminuir a atenção e a tomar todas as medidas necessárias para garantir a segurança e a proteção, não só da carga, mas sobretudo da tripulação.

Por fim, gostaria de concentrar a nossa atenção na pesca e nos pescadores, que serão o tema do XXIV

pesca ilegal, não declarada nem regulamentada (IUU).

Durante o Congresso, graças às intervenções de oradores qualificados, procuraremos tomar mais consciência e prestar mais atenção a este tipo de questões. Além disso, reforçaremos a nossa network com a intenção de aumentar a cooperação entre o Apostolado do Mar das diversas nações, pondo em comum os nossos recursos e melhores práticas para desenvolver competências específicas, principalmente no setor da pesca.

Renovo o meu convite a fim de que nesse Congresso não participem só alguns portos, mas o maior número possível de capelães e voluntários, porque o setor da pesca e dos pescadores é uma preocupação do Apostolado do Mar e não só de quantos estão envolvidos pessoalmente.

Para concluir, peçamos a Maria, *Stella Maris*, que apoie o nosso serviço e a nossa dedicação aos marinheiros, aos pescadores e às suas famílias, e proteja todo o povo do mar a fim de que alcance o «porto seguro» do céu.

Cardeal Peter K. A. Turkson  
Prefeito



*Confio os marítimos  
os pescadores e todos aqueles  
que estão em dificuldades  
e longe de casa  
à materna proteção  
de Maria Estrela do Mar*

(@Pontifex\_pt)

mercadorias, por outro devemos garantir que ninguém seja vítima de discriminações nem que lhe seja impedido de desembarcar por motivo de nacionalidade, raça ou religião. Além disso devemos defender o direito fundamental das tripulações